

## ENTERRO

“As cidades de Teresópolis e Sumidouro registraram mais mortes nesta terça-feira em decorrência das chuvas. Com isso, subiu para 674 o total de óbitos na região serrana do Rio. As outras cidades que também tiveram vítimas dos temporais são Petrópolis e Nova Friburgo.”

(“Região serrana do Rio já registra mais de 670 mortes em decorrência das chuvas”. Extraído de: Folha Online 18/01/2011 - 12h54. <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/862264-regiao-serrana-do-rio-ja-registra-mais-de-670-mortes-em-decorrencia-das-chuvas.shtml>. Acesso em 10 de abril de 2011).

De repente era o barro e a chuva. E um barulho – antes. Ou seria ao mesmo tempo? A avalanche e o estrondo. E uma coisa esquisita, doída, que a gente não sabe dizer se é sensação, pensamento, aviso de Deus: corre! Obedeci. A terra caindo junto com o teto, tudo indo de uma vez só. E eu fiquei. Preso entre a porta e o desastre. Minha casa, que eu batalhei tanto para comprar, que me fazia sentir tanto orgulho de voltar para ela, era o que me separava da fuga. Doía tudo, perna, braço e o pescoço que eu não conseguia virar. Mas eu ainda respirava e isso era o que eu tinha. E a voz, que usei para gritar muitas vezes a palavra que a gente vê no cinema, e pensa que nunca vai precisar: socorro! Estavam todos ocupados com suas próprias catástrofes, correndo, chorando, contando seus mortos. Eu sabia que, do lado de fora, tudo podia estar ainda mais escuro e enlameado. Mesmo assim, tentei lutar, mover, erguer um pedaço da parte de tudo que pesava sobre as minhas costas. Ofegante, desmaiei. Acordei pensando nos meus filhos, que a minha mulher tinha levado embora antes, graças a Deus. Foi aí que ouvi vozes. Eram os bombeiros. Trabalhavam no resgate, e eu era um dos procurados: vivo ou morto. Havia mais gente. Uma pequena multidão, talvez. Eu gritei. Senti a terra ceder um pouco mais sobre a minha cabeça. Estavam todos muito próximos. Gritei de novo. Uma palpitação, uma esperança. E, ao mesmo tempo, a fraqueza. Não

conseguia fazer mais nada, e era surdo o espaço entre o meu buraco e o ar. Então escutei aplausos, uma comoção. Os bombeiros tinham conseguido, haviam habilidosamente resgatado uma mulher que, felizmente, ainda respirava sob o barracão vizinho ao meu. Tentei gritar novamente. Não me ouviram. Era surdo o espaço entre o meu desastre e aquela comemoração. Percebi, com horror, que “soterrado” e “enterrado” eram palavras muito, mas muito parecidas.

Maria Angélica Amâncio Santos<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura Comparada e Mestre em Teoria da Literatura pela UFMG